

PELA PÁTRIA

CARTILHA DO POVO

1.º ENCONTRO

PORTUGAL E A GUERRA

EDIÇÃO DA
"RENASCENÇA PORTUGUESA."
PORTO
JUNHO DE 1916

*Do Folheto, com um
alica, para a
primeira edição*

Dêste primeiro folheto
foram adquiridos pelo Ministério da Guerra
100.000 exemplares

JOÃO PORTUGAL

Homem, que cuidados são esses que te fazem pregar os olhos no chão a modos de quem anda apoquentado?

Levanta-me essa cabeça. Chegou a hora de todos os portugueses a trazerem bem levantada, porque o nosso coração mais do que nunca deve sentir o orgulho e o amor da Pátria.

JOSÉ POVINHO

Trago cá dentro uma grande amargura: é que tenho um filho soldado. Um filho que era para mim e para a mãe, o amparo e a consolação dos nossos dias sançados. Oiço dizer que estamos em guerra e teremos de combater. E se o

meu filho morre?! Andar uma vida inteira a sofrer e a suar para a criação dum filho e ver que lá não sei onde, uma bala o pode levar num ai... Isto custa! E depois é uma inquietação que eu nem sei dizer... Combater? morrer? porquê?! Eu cá de mim não aprendi a ler. Não entendo os papeis. Mas gostava que me explicassem. Que eu nem percebo bem essa palavra de Pátria.

JOÃO PORTUGAL

Ai! José Povinho, como tu estás esquecido! Pois olha que já entendeste e muito bem essa palavra ou, ao menos, a ideia e o sentimento que ela diz. Mas então sofrias e lutavas constantemente por ela para lhe dar segurança e grandeza.

JOSÉ POVINHO

Olhe que eu, senhôr, nunca andei na guerra. Isso é engano.

JOÃO PORTUGAL

Bem sei. Não é isso que eu digo. Falo dos teus antepassados, dos teus avós mais recuados por esse tempo, que viveram ha muitos anos, ha séculos até, e que então, filhos e pais, sabiam morrer por amôr da nossa terra.

JOSÉ POVINHO

Se diz isso á laia de repreensão, saiba que eu tambem tenho amôr á nossa terra.

JOÃO PORTUGAL

Mas a Patria não é só a terra sagrada que tu cavas, a aldeia onde nasceste, as árvores que te abrigam nas calmas, ou os montes, donde espraia a vista, á hora das Trindades. Isso já é muito, porque a mesma terra ensina sempre a mesma lição. Mas é muito mais: é

a tua familia, avós, pais, filhos, irmãos e amigos, os que te viram abrir os olhos ao nascer, e aqueles que tos hão de fechar na hora da morte. É ainda mais: é o conjunto de todas as familias que tu conheces, e ainda as outras desconhecidas, espalhadas por essas aldeias, vilas e cidades dentro das fronteiras portuguezas, mas onde toda a gente fala a nossa mesma lingua, canta as mesmas cantigas, usa os mesmos costumes e chora ou ri com os mesmos sentimentos. É bom que o saibas: o homem com quem melhor um portuguez se pode entender é outro portuguez. Ainda que soubesses falar na sua lingua com um hespanhol, um inglês, um russo ou um turco, eles não compreenderiam tão bem as tuas alegrias ou as tuas tristezas. Os filhos duma mesma Pátria são em tudo diferentes dos outros, até nos motivos porque lhes bate o coração. Mas ha um laço mais profundo ainda para nos ligar em tórno da Pátria: é o

da historia e o da tradição. Eu te explico. A história de que eu te falo não é a que traga os nomes dos reis de Portugal e conte os seus presumidos feitos. É outra bem diferente. E o essencial dessa história, o que é urgente que tu saibas é que durante séculos os teus avós, os portugueses doutrora, lutaram, sofreram e morreram primeiro para tornar independente esta terra do poder dos estrangeiros, depois e sempre para firmar essa independência, e muitas vezes com espantosos perigos e sacrificios sem conta para a grandeza de Portugal e o bem de toda a Humanidade. Para isso ensinamos os homens de toda a nação a navegar os mares e descobrimos metade do Mundo, gastando nisso a fazenda, o socego, o sangue, a vida e sacrificando até a nossa prosperidade.

E durante esses séculos e essas imensas lutas fomos sempre valentes e arriscados, liais e generosos, cumpri-

dôres e homens duma só palavra, amigos das grandes empresas e tanto mais esforçados, quanto maior era o perigo que nos esperava. *Esta é a nossa tradição.* Compreendes agora que trazes no coração uma grande e nobre herança que nem conhecias, mas que tens de responder por ela se te obrigarem a dar contas. E sabe também que quantos portugueses morreram pela Patria tiveram na hora da morte uma esperança consoladôra: a de que todos os que viessem depois, os filhos e os netos, os mais distantes descendentes saberiam honrar e tornar ainda maior e mais formosa aquela herança.

JOSÉ POVINHO

Fizeram-me bem as suas palavras. E muitas dessas razões tinha-as eu cá dentro, mas não as podia dizer assim. **Abençoada seja a sua boca, que até me sinto outro homem. Olhe: ai vem o meu rapaz, o Manoel.**

MANUEL, SOLDADO

Ora viva, senhór pai. E em bôa hora
o avisto que lhe vejo cara alegre!

JOSÉ POVINHO

É que aprendi agora — ha mais tempo
o soubera! — como é grande e a força
que tem esta palavra: Portugal! Parece
que estou mais forte e quando a digo
nem sei o que sinto: estremeço até ao
coração.

Vem ouvir, Manoel. Que estas pa-
lavras são sagradas e dão animo á gente.

MANUEL, SOLDADO

Animo tenho eu. Lá no quartel, se o
trabalho ás vezes é duro e porfiado, te-
mos amigos e uns com os outros pas-
samos vida alegre. Só quando chego ao
pé de si, meu pai, e da minha mãe, que
os vejo tristes e a scismar, é que se me
põe uma nuvem no coração e fico es-
morecido.

JOAO PORTUGAL

Ainda bem que ao menos, fóra daqui, tens alegria, força e inteira confiança.

MANUEL, SOLDADO

Eu cá, senhôr, alegre sou de meu natural e tenho força e saúde rija; agora lá, quanto a inteira confiança, olhe que não sei. Lá no quartel também me teem falado de Patria e ensinado o que ela vale. E cá fóra oiço às vezes muitas vozes; mas cada uma fala a seu modo. Fica a gente desconfiado e pouco seguro no que tem a fazer. Até já ouvi dizer uma palavra que me pareceu má — que se fossemos governados por estrangeiros seríamos mais felizes.

JOÃO PORTUGAL

Homem, maldita a boca que o disser! Confia em mim. Escuta-me bem e verás que só digo a verdade. Não te

venho pedir nada para mim. Quero falar para teu bem e da nossa terra. A Pátria e a independência são daqueles bens, cujo valôr só se pode avaliar quando os perdemos. Os muitos portugueses que foram para o Brasil vivem ali na saúdade da sua Pátria, e a esperança que mais os anima é voltarem a vê-la um dia. Não a perderam, mas porque estão distantes dela, já a amam melhor e sentem mais as suas dôres e alegrias. É ver como agora, quando a Alemanha nos declarou a guerra, os muitos e muitos milhares de portugueses que lá habitam, todos se uniram animados pelo desejo de servir e defender a Pátria, apertando-se as mãos com mais entusiasmo e amizade de irmãos do que nós na própria terra de Portugal.

A independência, perdemo-la uma vez e já sabemos quanto sangue nos custou a rehave-la e quanto sofre quem é escravo de estrangeiros. E se o não souberamos por experiência própria

bastava-nos olhar para os povos que a Alemanha oprime pelo poder da força brutal. A Bélgica e a Sérvia, nações pequenas que ela esmagou pelas armas, sofreram as mais bárbaras e sangrentas afrontas. Arrazaram-lhes os campos e as herdades, destruíram-lhes as casas, as universidades e as igrejas, desonraram-lhes as mulheres e as filhas, fuzilaram homens e mulheres, sem distinção de idade, e àqueles a quem pouparam a vida impõem os mais duros trabalhos e os mais pesados tributos.

MANUEL, SOLDADO

Gente maldita! E passada a guerra não os tratariam com mais brandura?

JOÃO PORTUGAL

Não. Já o sabemos pelo que teem feito ha dezenas de anos, à Polonia e à Alsacia Lorena, que eles conquistaram pelas armas. A Polonia era uma nação

livre e a Alsacia Lorena uma parte da França. Aos seus habitantes teem feito toda a sorte de violências para os tornar alemães. Perseguem-os, prendem-nos sem motivo, proíbem-lhes tudo o que seja uma lembrança da Patria natural, roubam-lhes as propriedades, fazem-nos governar apenas por funcionários alemães e até na Alsácia Lorena proibiram que às crianças se ensinasse a lingua francesa.

JOSE POVINHO

Oxalá que esses diabos nunca possam entrar no nosso país. Tudo, menos isso!

JOÃO PORTUGAL

Ora ainda bem que te ouço falar assim. A vitória do inimigo dentro da nossa terra representa o assassinato, o roubo, o incêndio, a destruição e a desonra. E o seu domínio depois da guerra

é a injúria constante aos nossos sentimentos, a violência sobre as nossas vontades, a negação dos nossos melhores desejos e a vergonha e a máguá sem fim no coração. Vê agora quanto vale a soberania e a independência da nossa Patria.

JOSÉ POVINHO

Nunca mais essas palavras me hão de sair da memória. Estou velho, senhôr; mas para defender a minha Terra as forças haviam de voltar-me. Obrigado, porque me deu outra alma! Mas diga-me, que eu quero saber tudo: então esses alemães querem-nos fazer o mesmo que teem feito aos outros desgraçados?!

JOÃO PORTUGAL

Portugal, apesar de ser um país pequeno, tem colónias muito grandes.

Basta dizer-te que uma delas, Angola, é quatorze vezes maior que Portugal. E as colonias são como grandes províncias, afastadas da terra da Patria, mas onde os portuguezes vivem, trabalham e se esforçam por honrar o nosso nome. Isto dá ao nosso país muita importância entre as outras nações. Ora a Alemanha, que é um grande país, tem colónias mais pequenas e de menos importância e de ha muito que o seu desejo era apossar-se das nossas. Apenas começou a guerra com a nossa aliada Inglaterra tratou de pôr em prática os seus desejos e invadiu Angola, matando à traição os nossos soldados em Kuangar e atacando, sem declaração de guerra, como é costume entre as nações, as nossas forças, que foram vencidas em Naulila, tendo morrido e ficado prisioneiros muitos portuguezes. Promoveram tambem a revolta dos cuanhamas, os pretos indigenas daquella região, de maneira que para os

submeter, tivemos depois de gastar muito dinheiro e sangue dos nossos soldados.

MANUEL, SOLDADO

E parece que em Moçambique também quiseram fazer o mesmo...

JOÃO PORTUGAL

Também. Mas aí já começamos a tirar a desforra, ocupando novamente uma parte da província, que, êles, ha anos, nos tinham roubado.

JOSÉ POVINHO

E mais, ainda não é grande desforra de quem matou à traição os nossos filhos!

MANUEL, SOLDADO

Deixe, que a podemos agora tirar maior, pois ela já nos declarou a guerra.

Mas ouvi dizer que foi por causa da Inglaterra.

JOÃO PORTUGAL

Felizmente somos aliados e amigos da Inglaterra que é uma nação muito poderosa. Digo felizmente porque sendo nós um pequeno país, na posse de grandes colónias, tanto um como as outras, cubiçadas e invejadas pelas grandes nações, já teríamos perdido a nossa liberdade e essas ricas províncias, se não fôra a nossa aliança com a Inglaterra, que já dura ha mais de quatro seculos.

Por outro lado a Inglaterra tambem aproveita com a nossa aliança porque os nossos portos de mar são muito uteis para o poderio das suas esquadras. Se Portugal não fosse seu aliado, a sua grande força, que é no mar, diminuia muito. Mas, para proveito comum, de ha muito que somos aliados e com a

obrigação estabelecida nos tratados de nos defender uns aos outros. Ainda que não tivéssemos, como temos, ofensas próprias, era nossa obrigação ajudar a Inglaterra como ela necessitasse.

MANUEL, SOLDADO

Agora compreendo eu melhor como estamos unidos à Inglaterra e a devemos ajudar.

JOÃO PORTUGAL

Fica sabendo que no dia em que ela nos tirasse a sua amizade, não só corria grande perigo a nossa independência e a posse das nossas colónias, como até a nossa propria existência. A nossa terra não dá os alimentos em quantidade necessária para o nosso sustento. Até o trigo e o milho para o pão somos obrigados a comprar no estrangeiro. Chegamos aqui pelo mar. Ora no dia em que

a Inglaterra não deixasse cá vir os navios, morreríamos à fome.

MANUEL, SOLDADO

Antes morrer com honra duma bala do que à fome e com vergonha!

JOÃO PORTUGAL

Dizes bem. Seria a maior das vergonhas por todos os motivos não entrar nesta guerra, ao lado da Inglaterra e conforme às nossas forças. Até aqui as outras nações olhavam-nos como um povo pouco digno porque não sabíamos tratar da nossa defeza, organizando o exército, nem davamos mostras de brio vingando a nossa honra e colocando-nos abertamente ao lado das nações nossas amigas. Agora que o nosso exército começa a crescer em número e força e que afirmamos o desejo de combater pela nossa honra, já as outras

nações nos tratam com mais amizade ou respeito.

MANUEL, SOLDADO

Mas há quem diga que enquanto a guerra não chegar ao nosso país, não temos obrigação de combater.

JOÃO PORTUGAL

Olha, amigo. Se não procurássemos combater ao lado da Inglaterra e das outras nações suas aliadas era o mesmo que andar o fogo na casa do teu vizinho e amigo e tu não lhe acudires. É claro que a tua própria necessidade te levava a auxiliar os que apagavam o fogo para que se não pegasse também à tua casa e aos teus haveres. Mas supõe tu que o fogo se apagava sem lá irem, só pelo esforço porfiado dos seus moradores, enquanto tu à porta da tua casa, de mãos nos bolsos, olhavas des-

cançadamente a fadiga e a aflição do vizinho. Que diria amanhã esse teu vizinho e amigo da véspera? Diria que eras um falso e traiçoeiro amigo, cuja amizade não passava dum palavriado enganoso, pois enquanto ele gemia e afastava com grave risco o perigo comum, tu descansavas como se nada fosse contigo. E amanhã, quando por tua vez estivesse metido nos trabalhos, bem podias gemer e gritar que te acudisse, que ele havia de voltar a cara como enfadado ou satisfeito do teu castigo. Vê lá: convinha-te esta situação? Sentias-te bem?

JOSÉ POVINHO

Alto lá! Não pense tal; não sou desses! Sempre fui amigo do meu amigo e sei bem que os amigos se conhecem nas ocasiões. E cá por mim dou ao diabo aquele que não me acuda na aflição.

JOÃO PORTUGAL

Pois aí tens o que succede com as nações. Algumas tem havido que na ocasião do perigo não acodem às outras, conforme as suas promessas de amizade. Essas ficam assinaladas como traidoras, servem de escarneo e desprezo aos outros povos, e mais cedo ou mais tarde pagam com língua de palmo todo o mal que fizeram. E aquilo que repelês de ti como coisa afrontosa, parece-te que ficava bem à tua Pátria?!

JOSÉ POVINHO

Senhôr, depois do que me ensinou, quero mais à minha Pátria do que a mim mesmo e, se é possível, quero vê-la ainda com mais honra do que a que desejo para mim.

JOÃO PORTUGAL

A desonra duma Patria recai sôbre cada um dos seus filhos, que é apon-

tado em toda a parte pelos outros como homem vil. Ao passo que, quanto mais uma Patria fôr honrada, o nosso Portugal por exemplo, tanto mais nós os portuguezes, seus filhos, seremos admirados e respeitados. O nome da Bélgica, que só para cumprir a sua palavra e defender a sua honra se sacrificou, como nenhuma outra nação, às crueldades infames da Alemanha, dando a todas as outras, à custa do seu martírio, o maior dos exemplos, é hoje venerado por toda a gente como é o nome de Cristo entre os cristãos.

E fica sabendo: se a Alemanha vencesse, ela que esmaga os pequenos, que não respeita os direitos dos fracos e antes os trata com desprezo e crueldade, havia de nos fazer o mesmo, por muito pouco que nós a incomodássemos. Se ela vencesse, tínhamos tudo a perder. Se vencermos nós, temos tudo a ganhar. Ora hoje ninguem duvida da vitória da Inglaterra e dos seus aliados.

Mas só vence quem trabalha e sofre, com o suor e o sangue do seu corpo. Não ha vitória sem esforço e sofrimento. Para tirarmos, pois, os proveitos todos desta guerra, não é necessário apenas que a Inglaterra e os outros aliados vençam. É preciso também que a vitória seja nossa. E para isso temos que combater, aonde quer que o dever nos chame. E quanto maior fôr o nosso sacrificio, tanto mais recompensas nos dará a vitória.

JOSÉ POVINHO

Senhor, escusa de gastar mais palavras. Não sei lêr, nem escrever. Mas mesmo sem isso, sei conhecer bem onde está a honra e o proveito de cada um. O ponto está em conhecer a verdade. E agora só tenho um receio. Dizem que a guerra hoje é mais difficil que dantes. Saberão fazê-la também os nossos soldados?

JOÃO PORTUGAL

Digo-te aqui, diante do teu filho, que é soldado. Os nossos, depois de preparados, hão de ser tão bons ou melhores que os outros. Um dos maiores generais em todos os tempos e de todo o mundo, Napoleão, que os viu combater fazia-lhes os maiores elogios.

Todo o homem, para merecer bem esse nome deve ser forte, bravo e arriscado; mas os portugueses, que entre os outros homens sempre brilharam por isso, muito mais o devem ser.

É muito mais, quando, como nesta ocasião, é a honra, o dever, a vingança das ofensas e o nosso próprio interesse, que nos obrigam. É nosso dever poupar a vida e estima-la como um grande bem. Mas quando os nossos inimigos nos ameaçam na segurança do nosso trabalho, no gozo da nossa liberdade, na honra das nossas mulheres e das nossas filhas, na posse dos nossos bens e na

guarda do bom nome que nos deixaram os nossos avós, enfim, em tudo aquilo que é o gosto e a beleza da vida e a sua unica razão, então o nosso maior dever é arrisca-la e sacrifica-la, embora em meio de todos os perigos.

MANUEL, SOLDADO

Basta, senhôr! Tambem eu lhe fico obrigado por essas palavras. Mas se agora dissesse mais para me convencer; já me ofendia, porque era duvidar de mim. Conheço já o meu dever. Antes eu morra cem vezes na guerra do que os meus e a minha Patria fiquem para sempre enxovalhados e miseraveis!

JOSÉ POVINHO

Filho, eu te abençoô por isso que disseste. Nunca a tua vista me deu maior gôsto ou me senti mais satisfeito de ser teu pai. Vai para onde a Patria

te chamar. Agora a minha unica mágoa é não ter forças para ir contigo.

JOÃO PORTUGAL

Dêem cá essas mãos. É assim que falam portugueses. Já esperava essas palavras. E agora ide repetir o que eu vos disse aos vossos amigos e camaradas; e se alguém vos disser o contrário, castigai-o e dizei-lhe na cara que mente como vil e traidôr.

FIM

